



Recebido em: 23/05/2025

Aprovado em: 21/11/2025

Publicado em: 31/12/2025

DOI: <https://doi.org/10.18554/efd.v12i1.8902>

A ORDEM DOS CONSTITUINTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UMA ABORDAGEM FORMALISTA E FUNCIONALISTA

THE ORDER OF CONSTITUENTS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE: A FORMALIST AND FUNCTIONALIST APPROACH

Elenice Israel da Silva¹

Nayara Maira da Silva²

Resumo

Este artigo analisa a variação entre as ordens verbais (SV) e verbo-sujeito (VS) no português brasileiro contemporâneo. A partir de uma abordagem qualitativa, busca-se descrever as características dessas construções e avaliar as condições que motivam a inversão da ordem canônica. A Gramática Tradicional considera a ordem SV como predominante e atribui à inversão VS um valor estilístico, relacionado à ênfase. No entanto, esta explicação é contestada por linguistas funcionalistas, que argumentam que a versão ocorre com frequência e está relacionada a fatores discursivos e contextuais, e não apenas estilísticos. Para investigar essas ocorrências, analisamos sentenças extraídas do conto “O Gigante Egoísta”, de Oscar Wilde, observando em quais contextos se dá a inversão e se ela altera ou não o sentido da frase. Os resultados apontam para uma maior variedade sintática do que aquela prevista pela norma tradicional, reforçando a importância de considerar aspectos funcionais no estudo da ordem dos constituintes em língua portuguesa.

Palavras-chave: Ordem dos constituintes. Português do Brasil. Funcionalismo.

Abstract

This article analyzes the variation between subject-verb (SV) and verb-subject (VS) word orders in contemporary Brazilian Portuguese. Using a qualitative approach, it aims to describe the characteristics of these constructions and evaluate the conditions that motivate the inversion of the canonical order. Traditional Grammar considers the SV order as predominant and attributes a stylistic value to the VS inversion, related to emphasis. However, this explanation is contested by functionalist linguists, who argue that the VS version occurs frequently and is related to discursive and contextual factors, not just stylistic ones. To investigate these occurrences, we analyzed

¹ Doutoranda em educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Email: elenice.israel@educacao.mg.gov.br

² Graduada em Letras Portugêses/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Email: naahmaira@hotmail.com

SILVA, E. I; SILVA, N. M

sentences extracted from Oscar Wilde's short story 'The Selfish Giant,' observing in which contexts the inversion occurs and whether or not it alters the meaning of the sentence. The results point to a greater syntactic variety than that predicted by traditional norms, reinforcing the importance of considering functional aspects in the study of constituent order in Portuguese.

Keywords: Order of constituents. Portuguese of Brazil. Functionalism.

Introdução

A ordem das palavras constitui um aspecto fundamental da sintaxe do português brasileiro, influenciando diretamente a interpretação e a fluidez do discurso. Tradicionalmente, a gramática normativa postula a ordem sujeito-verbo (SV) como a mais frequente, atribuindo à ordem verbo-sujeito (VS) um valor estilístico, associado à ênfase de um constituinte específico. Segundo Berlink, Augusto e Scher (2004), a inversão VS manifesta-se com maior recorrência em orações interrogativas, reduzidas e exclamativas, bem como em construções com verbos intransitivos e dicendi. A natureza dos elementos deslocados, como o sujeito oracional, adjunto adverbial e predicativo, também é apontada como fator determinante para essa inversão.

Contudo, essa explicação tradicional tem sido objeto de questionamento por linguistas funcionalistas. Para estes, a atribuição da inversão VS exclusivamente à ênfase revela-se problemática e imprecisa, dada a frequência com que tal ordem se manifesta. Argumenta-se que a inversão está intrinsecamente ligada a fatores discursivos e contextuais, como a topicalização, o foco e a distinção entre informação dada e nova, que transcendem a mera estilística. A limitação da inversão VS a tipos específicos de orações e verbos também é posta em xeque, assim como a ambiguidade na identificação do elemento enfatizado, exemplificada pela sentença "Na festa vieram o Manuelzão e o Augusto Matraga" (Berlink, Augusto e Scher, 2004).

Diante dessas controvérsias, este estudo propõe-se a investigar a variação entre as ordens SV e VS em um corpus literário específico: o conto "O Gigante Egoísta" de Oscar Wilde. A escolha desta obra justifica-se pela riqueza estilística e pela complexidade sintática que oferece, permitindo uma análise aprofundada das motivações para a inversão da ordem canônica. Oscar Wilde, renomado escritor irlandês do século XIX, é conhecido por sua habilidade em explorar os recursos linguísticos, e suas obras, como "O Gigante Egoísta", frequentemente exploram nuances da sintaxe para criar efeitos estilísticos e expressivos.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

O objetivo principal deste artigo é, portanto, analisar os contextos em que a inversão VS ocorre no conto de Wilde, buscando identificar os fatores discursivos e contextuais que a motivam. Adicionalmente, sob uma perspectiva quantitativa, será investigada a frequência relativa das ordens SV e VS, a fim de verificar se a ordem canônica realmente predomina no corpus analisado.

A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Uma Análise das Perspectivas Linguísticas

Cada língua estabelece uma ordem sintática padrão entre as partes da frase (Ferrazeri Junior 2012). O português brasileiro possui a ordem sujeito- verbo- complemento, porém como o autor explica, não é uma regra que está proibida de sofrer alterações, pelo contrário, pode ser alterada sempre que for preciso ou desejável, claro que sempre mantendo a estrutura com sentido para que não haja problema na interpretação.

Berlinck (1988) observa que o português brasileiro apresenta restrições à ordem verbo-sujeito (VSN), sugerindo que a monoargumentalidade, ou seja, a presença de verbos intransitivos, favorece essa configuração. Em contrapartida, Lira (1982) argumenta que a ordem VSN é incomum em verbos transitivos. Berlinck, no entanto, questiona essa visão, retomando a análise funcionalista de Lira sobre o comportamento dos verbos transitivos. Ele aponta que a não obrigatoriedade do objeto, a ocorrência de sujeito nulo e a possibilidade de pronomes atuarem como sujeito ou objeto podem gerar ambiguidade quando o sujeito é posposto.

Em seu artigo "Ordem dos Termos em Português e a Topicalização", Botelho (2010) observa que a análise gramatical tradicional tem privilegiado a modalidade escrita, o que pode ter contribuído para a percepção do português como uma língua de ordem direta. No entanto, o uso da topicalização, embora restrito na escrita formal, é frequente tanto em textos literários quanto na oralidade.

O autor argumenta que a norma-padrão escrita valoriza a objetividade, concisão, legibilidade e correção, características que influenciam a referenciação. Contudo, a ocorrência de estruturas com ordem desviante da canônica é comum tanto na língua escrita quanto na falada, desafiando a noção de uma ordem fixa e rígida.

Li e Thompson (Apud Botelho, 2010) apontam como principal característica da topicalização

SILVA, E. I; SILVA, N. M

um deslocamento ou uma inversão de termos dentro da oração. Nesse sentido podemos citar a frase: “A baleia comeu o peixe”, em que temos um simples deslocamento do termo “a baleia” que é suficiente para causar ambiguidade na oração: “Comeu o peixe a baleia”, isto é, se mudarmos os dois sintagmas nominais de posição, teríamos uma troca de sentido, pois poderíamos entender que o peixe comeu a baleia.

A inversão do sujeito com os verbos intransitivos não apresenta problemas dessa ordem, como por exemplo, a seguinte frase: “A criança nasceu”, ou seja, se invertermos a ordem continuará com o mesmo sentido “Nasceu a criança”. Talvez por isso haja uma ocorrência maior de deslocamento do sujeito, constituindo uma nova ordem.

Em seu artigo "Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado", Pezatti (2014) adota uma perspectiva funcionalista para analisar a variação entre as ordens sujeito-verbo e verbo-sujeito, defendendo que a forma como percebemos, interpretamos e produzimos expressões linguísticas é determinada pela adequação psicológica.

Para DeLancey (1981) todas as línguas apresentam um tipo de mecanismo responsável por marcar a importância da comunicação em uma determinada oração ou discurso. Tal fato está relacionado a duas noções psicológicas: fluxo de atenção e ponto de vista. Esses parâmetros são também utilizados a mecanismos linguísticos para indicar valores na sentença, pois quando falamos de concordância verbal e ordem dos constituintes estamos na verdade falando de fluxo de atenção e de ponto de vista linguístico.

O fluxo de atenção determina a ordem linear dos sintagmas nominais na sentença de acordo com o interesse do falante. Este o apresentará na ordem que desejar para que o ouvinte se atente mais a um termo que o falante considere importante. Segundo Pezatti, mecanismos como a topicalização e alteração de voz são usados para controlar o fluxo de atenção.

Assim, podemos observar que há grande ocorrência de orações onde predominam as estruturas verbo- sujeito e ou estruturas com termos deslocados para se obter ênfase. Podemos afirmar que o português não é uma língua essencialmente de predominância sujeito- verbo, há também o uso de estruturas com termos deslocados com o objetivo de enfatizar determinado termo de acordo com o objetivo do locutor, que deseja chamar a atenção do leitor para um determinado ponto na sentença.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

A Posição do Sujeito na Perspectiva da Gramática Tradicional

A ordem dos constituintes sentenciais, em particular a posição do sujeito, tem sido objeto de análise por gramáticos que buscam descrever e explicar os padrões sintáticos do português brasileiro. Perini (1995), ao examinar a ordem inversa (verbo-sujeito), observa que esse fenômeno é comum na língua, estabelecendo relações de correspondência entre os elementos da oração. Contudo, o autor aponta restrições à posposição do sujeito, como a presença de objeto direto "Comprou um carro Carlos" ou a ocorrência em orações interrogativas com advérbios "Está Sônia onde?".

Para Borba (1979) gramática diz respeito aos princípios de organização da língua, constituindo um conjunto de regularidades subjacentes a que todo falante obedece quando usa a língua. É uma hipótese sobre a competência linguística de seus falantes, e como qualquer hipótese, deve ser testada quanto à clareza e explicitação e obedecer a determinadas condições para ter validade. De posse dessas condições, pode-se saber que orientação terá a gramática.

Borba (1979) define a gramática como um conjunto de princípios organizacionais da língua, subjacente ao uso linguístico dos falantes. A gramática, enquanto hipótese sobre a competência linguística, deve ser testada quanto à clareza e explicitação, obedecendo a critérios de validade. O ponto de partida para a compreensão da linguagem, segundo o autor, é o falante, buscando-se desvendar seu conhecimento sobre a língua. A gramática tradicional, nesse sentido, propõe a existência de gramáticas universais, herdadas culturalmente, e gramáticas particulares, que modelam a competência do falante nativo.

Apesar das falhas, essa sintaxe “tradicional” esteio de nossas gramáticas escolares, teve um certo lastro de observações pertinentes quer no plano psicológico, quer no plano semântico, e até no fonético. Já é um tipo de orientação estrutural conceber a frase como proposta de “partes” relacionadas.

Muitos problemas sintáticos relevantes foram levantados por essa orientação teórica, embora com solução adiada por falta de observação direta dos fatos linguísticos (Borba, 1979, p.51).

Nesse contexto, a sintaxe tradicional serve como referência para as gramáticas normativas, acrescentando que as estruturas frasais são organizadas por meio de relações de dependência linear

SILVA, E. I; SILVA, N. M

entre as palavras. A frase "Eu comprei uma moto", por exemplo, ilustra essa concepção, na qual o verbo "comprei" estabelece uma relação com o sujeito "Eu" e com o objeto direto "uma moto", seguindo uma ordem sequencial.

Bechara (2014), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, define a ordem sintática como uma “maneira de dispor os termos dentro da oração e a oração dentro do período” (Bechara, 2014 p.581). O autor acrescenta que a ordem mais frequente no português é “a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome se ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo” (Bechara, 2014 p.582).

Essa configuração, considerada direta e usual, consiste na sequência sujeito-verbo-complementos, na qual o sujeito precede o verbo e seus complementos (p. 182). Desvios dessa ordem, como em "A casa de flores, eu visitei ontem", são classificados como inversões ou ordens ocasionais. No entanto, Bechara (2014) alerta para a possibilidade de ambiguidade decorrente da inversão, denominando o fenômeno de hipérbato. A inversão excessiva, como em "Uma música tocava a banda horrorosa", pode comprometer a clareza semântica da frase, exigindo conhecimento contextual para a interpretação correta, pois se pode interpretar que a música ou a banda é horrorosa.

Contudo, a língua portuguesa apresenta verbos cujas construções permitem a inversão da ordem dos termos sem acarretar ambiguidade, resultando em estruturas sintáticas alternativas, por vezes preferenciais. Um exemplo paradigmático é a sentença "Parecia chegar do nada o frio!", na qual a inversão confere ênfase ao sujeito posposto.

Bechara (2014) atribui à ordem inversa um afastamento da norma-padrão, reconhecendo seu potencial para a criação de efeitos estilísticos, ao destacar um determinado constituinte oracional. Cunha e Cintra (2007), em sua “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, corroboram a predominância da ordem direta, representada pela sequência sujeito-verbo-complementos (objeto direto, objeto indireto ou predicativo).

Os gramáticos observam que a ordem direta, caracterizada pela sequência sujeito-verbo-complementos, é mais frequente em frases enunciativas ou declarativas. Contudo, a prevalência dessa ordem não implica a raridade da inversão verbo-sujeito, uma vez que determinadas construções inversas são consideradas gramaticalmente obrigatórias.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

A inversão da ordem dos termos, segundo a gramática tradicional, é motivada principalmente pela ênfase. Cunha e Cintra (2007), em sua “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, apresentam um levantamento das condições que favorecem a inversão verbo-sujeito, ilustradas pelos seguintes exemplos:

Número	Tipo de oração	Exemplo
1	Orações interrogativas	Onde vai você a essa hora?
2	Orações que contém uma forma verbal imperativa	Pense você se isso é possível.
3	Orações em que o verbo está na passiva pronominal	Faz-se luzes nos cabelos.
4	Orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo	Que venha o hexa na copa de 2014.
5	Orações construídas com verbos do tipo dizer, sugerir, perguntar, responder e sinônimos que arrematam enunciados em discurso direto ou neles se inserem	Não acredito no que diz, protestou Mariana.
6	Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio	Terminada a confusão, voltaram todos ao trabalho.
7	Orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção	Tivesse eu obedecido, não estaria assim agora.
8	Em certas construções com verbos unipessoais	Cumpre trabalharmos bastante.
9	Orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial	Este é o melhor dia da minha vida!
10	Orações substantiva subjetiva, pois essas se colocam normalmente depois do verbo da principal	É preciso que tome direito os remédios.
11	Os verbos intransitivos também podem vir antepostos ao seu sujeito.	Voltaram a ser fortes e vigorosos.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Cunha e Cintra (2007)

Cegalla (2008), em “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, acrescenta dois casos em que se pospõe o sujeito ao verbo, além desses citados na Nova Gramática do Português contemporâneo em que se pospõe o sujeito ao verbo, que são:

SILVA, E. I; SILVA, N. M

Número	Tipo de oração	Exemplo
12	Orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio	De manhã, acabado o almoço, a cólera estourou.
13	Em certas frases exclamativas	Como são belas aquelas palmeiras!
14	E em orações interferentes.	É falso, interrompeu o presidente.

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de Cegalla (2008)

A análise dos exemplos apresentados, embasados nas obras de Bechara (2014), Cunha e Cintra (2007) e Cegalla (2008), revela que a inversão da ordem canônica (verbo-sujeito) ocorre em uma variedade de construções sintáticas, transcendendo a mera estilística ou o destaque de um verbo. As ocorrências abrangem desde orações interrogativas e imperativas até construções com verbos *dicendi*, orações reduzidas e exclamativas, demonstrando a frequência e a diversidade desse fenômeno na língua portuguesa.

Conforme exposto, a análise da ordem sujeito-verbo e suas variações pode ser abordada sob duas perspectivas distintas: a gramatical e a funcionalista. Buscamos, portanto, explicitar os pressupostos teóricos de cada abordagem e comparar suas respectivas explicações para os fenômenos sintáticos em questão, a fim de identificar as nuances e divergências entre elas.

As correntes linguísticas da sintaxe: formalista e afuncionalista

A análise sintática, no âmbito da linguística, pode ser realizada sob duas perspectivas teóricas distintas: o formalismo e o funcionalismo. Segundo Berlinck, Augusto e Scher (2004), a abordagem formalista prioriza o estudo das propriedades intrínsecas da língua, concentrando-se na análise da forma e da estrutura das sentenças, independentemente do contexto comunicativo em que se inserem.

A perspectiva formalista, representada pela teoria gerativista de Noam Chomsky, parte do princípio de que a língua é um sistema de conhecimento internalizado na mente humana. Mioto, Silva e Lopez (2000), ao discutirem as noções de competência e desempenho propostas por Chomsky, esclarecem que a competência linguística refere-se ao conhecimento internalizado que permite ao falante julgar a

SILVA, E. I; SILVA, N. M

gramaticalidade das sentenças, enquanto o desempenho diz respeito à aplicação desse conhecimento na produção de enunciados. Dessa forma, Chomsky defende a existência de uma gramática universal, um aparato cognitivo inato que possibilita a aquisição da linguagem. Essa gramática universal, presente no cérebro humano, representa o estado inicial do aprendiz de uma língua. A análise formalista, portanto, restringe-se ao domínio da sintaxe, investigando a estrutura das sentenças sem considerar o contexto discursivo.

Essa corrente do pensamento linguístico se dedica a questões relacionadas à estrutura linguística, sem se voltar especialmente para as relações entre a língua e o contexto (situação comunicativa) em que se insere. Em outras palavras, para os pesquisadores que seguem essa via de análise, a linguagem ou, mais especificamente, a sintaxe deve ser examinada como um objeto autônomo (Berlinck; Augusto; Scher, p. 210, 2004).

Em contrapartida, a abordagem funcionalista, também apresentada por Berlinck, Augusto e Scher (2004), concebe a linguagem como um sistema não autônomo, intrinsecamente ligado à comunicação entre os membros de uma comunidade. Nesse sentido, a análise sintática transcende os limites da sentença, incorporando o contexto discursivo como fator determinante para a compreensão dos fenômenos linguísticos.

Os funcionalistas enfatizam a relação entre a linguagem e seu uso, argumentando que a sintaxe só pode ser adequadamente compreendida em função do contexto em que as sentenças são produzidas.

A abordagem funcionalista vê a linguagem como um sistema não- autônomo, que nasce da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade, que está sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento e que está continuamente se modificando para cumprir novas necessidades comunicativas (Berlinck; Augusto; Scher, 2004, p. 211).

Portanto, a linguagem não é autônoma, pois ela precisa de um contexto para ser analisada. A dicotomia entre formalismo e funcionalismo na análise sintática reside na concepção da natureza da linguagem e em seus respectivos objetos de estudo. Enquanto o formalismo considera a autonomia da sintaxe, investigando a estrutura das sentenças como um sistema abstrato e internalizado, o funcionalismo concebe a linguagem como um sistema não autônomo, intrinsecamente ligado à comunicação e ao contexto discursivo. A escolha entre essas abordagens teóricas implica, portanto, diferentes metodologias e pressupostos na análise dos fenômenos sintáticos, refletindo a complexidade e a diversidade da investigação linguística.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

Análise da Ordem dos Constituintes sob as Perspectivas Formalista e Funcionalista

No capítulo de Berlinck, Augusto e Scher (2004), presente na obra "Introdução à linguística: domínios e fronteiras" organizada por Anna Christina Bentes Mussalim, encontramos uma análise comparativa da ordem dos constituintes sentenciais sob as perspectivas formalista e funcionalista. A análise funcionalista, conforme explicitam os autores, caracteriza-se pela ausência de uma ordem sintática fixa, reconhecendo a coexistência de diversas construções alternativas.

A análise formalista, por sua vez, fundamentada na teoria gerativista, postula que a ordem dos constituintes sentenciais é determinada pela competência internalizada do falante em organizar hierarquicamente os elementos sintáticos. A teoria gerativista, como já discutido, concebe a linguagem como uma capacidade inata, dotada de uma Gramática Universal.

Em contrapartida, a análise funcionalista rejeita a noção de hierarquia sintática, defendendo a existência de múltiplas possibilidades de ordenação dos constituintes sentenciais. Berlinck, Augusto e Scher (2004) explicitam essa distinção:

No capítulo de Berlinck, Augusto e Scher (2004) presente no livro “Introdução à linguística: domínios e fronteiras” de Anna Christina BenteMussalimencontramos as análises que cada corrente faz das ordens dos constituintes na sentença. Veremos as diferenças entre elas percebendo que a ordem dos constituintes pelo funcionalismo se encontra em diferentes maneiras, pois não possui uma regra específica, assim como fala os autores “não há uma ordem primeira, básica, da qual todas as demais derivam, mas sim a coexistência de várias construções”.

Segundo os autores, quando se fala de uma análise formalista ou análise sob a perspectiva gerativista, a ordem dos itens de uma sentença obedece a uma competência do falante em organizar estruturalmente os constituintes, pois como já foi explicado, a teoria gerativistavê a linguagem como uma dotação genética, ou seja, o ser humano vem equipado com uma Gramática Universal e na análise formalista fala-se de uma hierarquia nos constituintes sintáticos que se organizam na sentença. Enquanto na análise funcionalista, os estudiosos afirmam que há uma alternativa de ordenação dos constituintes da sentença e que não há uma hierarquia como na visão formalista.

Borba (2003) assevera que a produção e a compreensão da linguagem envolvem a transformação da ordem estrutural em ordem linear e vice-versa, respectivamente. Ele argumenta

SILVA, E. I; SILVA, N. M

que a ordem linear é moldada pelos objetivos comunicativos imediatos, refletindo os interesses e a mentalização do falante.

Metodologia

Neste estudo, propomo-nos a analisar a variação da ordem SV/VS e sob uma perspectiva qualitativa, bem como analisar em qual ordem há mais ocorrência.

A pesquisa deu-se através de uma investigação bibliográfica, em que buscamos entender os motivos da inversão da ordem VS. Para isso ancoramo-nos em estudiosos da língua como: Borba (1979), Bechara (2014), Cunha e Cintra (2007), Berlinck, Augusto e Scher (2004), Berlinck (1988), Ferrazzeri Junior (2012), Perini (1995) e outros.

O estudo foi realizado a partir da análise do conto “O Gigante Egoísta”, de Oscar Wilde. A partir da leitura do conto, buscamos analisar a ocorrência da ordem SV/ VS nas seguintes frases:

- 1- Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar para ouvi-los.
- 2- Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele.
- 3- Nós não sabemos.
- 4- Como eu gostaria de vê-lo!
- 5- Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas.
- 6- Sobe logo, menino! – dizia a Árvore, curvando os ramos o mais que podia.
- 7- Mas onde está seu companheirinho?
- 8- Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos.
- 9- Havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em
- 10- tons de rosa e pérola...
- 11- Então chegou a Primavera...
- 12- E por todo o país apareceram pequenas flores e pequenos pássaros.
- 13- Em todas as árvores que ele conseguia ver havia uma criança.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

A seleção das sentenças do conto "O Gigante Egoísta", de Oscar Wilde, foi realizada com o intuito de analisar a ocorrência das ordens sujeito-verbo (SV) e verbo-sujeito (VS), cotejando os dados empíricos com as teorias propostas por linguistas e gramáticos. A partir da análise reflexiva das sentenças selecionadas, procedeu-se à quantificação das ocorrências de cada ordem, visando identificar a prevalência de uma delas e investigar os fatores determinantes dessa ocorrência. Adicionalmente, buscou-se identificar os tipos de orações em que a inversão se manifesta, considerando a topicalização como um fenômeno inerente à organização discursiva da língua portuguesa.

Análises

Com base no corpus literário de "O Gigante Egoísta", de Oscar Wilde, examinaremos sentenças que exemplificam tanto a ordem direta (sujeito-verbo) quanto a ordem inversa (verbo-sujeito), com o objetivo de compreender as motivações para a inversão dos constituintes e verificar se essa inversão produz mudanças semânticas.

15- Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar para ouvi-los.

16- Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele.

17- Nós não sabemos.

18- Como eu gostaria de vê-lo!

19- Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas

20- Sobe logo, menino! – dizia a Árvore, curvando os ramos o mais que podia.

21- Mas onde está seu companheirinho?

22- Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos.

23- Havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola.

SILVA, E. I; SILVA, N. M

24- Então chegou a Primavera...

25- E por todo o país apareceram pequenas flores e pequenos pássaros.

26- Em todas as árvores que ele conseguia ver havia uma criança.

27- Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos.

Nos termos acima podemos perceber a ocorrência de ordem sujeito- verbo nas sentenças (15), (16), (17) e (18), enquanto nas sentenças (19), (20), (21) (22), (23), (24), (25),

(26) e (27) temos a ordem inversa (verbo-sujeito). Observamos uma ordem linear nas quatro primeiras sentenças que obedecem a uma organização estrutural dos constituintes, ou seja, há nessas frases uma ordem natural dos constituintes onde um elemento está ligado ao outro (Sujeito + Verbo + Objeto).

A sentença (15) poderia sofrer a inversão da ordem sem perder o sentido da frase, continuando assim, a ser uma sentença gramatical. Observamos o exemplo:

28- As crianças costumavam parar de brincar para ouvir os pássaros que pousavam nas árvores e cantavam tão docemente.

O que não acontece com as sentenças (16), (17) e (18), pois identificamos certo estranhamento no sentido:

29- Andado visitando seu amigo ele tinha, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele.

30- Sabemos nós não.

31- Gostaria eu de vê-lo!

Há casos em que ocorre a inversão da ordem natural (SVC) que a gramática orienta que seja colocada vírgula, para marcar a pausa.

Na sentença (28) percebemos uma não marcação, pois encontramos uma ordenação SVC em que não é preciso colocar vírgula, não exige pausa, aliás, é a ordem básica da língua.

Analisando as sentenças (19), (20), (21), (22), (23), (24), (25), (26) e (27) percebemos mudanças segundo a ordem natural, ou seja, as sentenças apresentam uma ordem verbo-sujeito.

Vimos que a Gramática Tradicional defende que a ordem inversa (verbo-sujeito) ocorre por uma questão de recurso estilístico, pois os gramáticos explicam que a inversão acontece com

SILVA, E. I; SILVA, N. M

o objetivo de ênfase em algum constituinte da frase e que ela ocorre com maior frequência nas orações interrogativas, reduzidas e exclamativas, em verbos intransitivos e verbos *dicendi*.

Porém, ao analisarmos os casos em que ocorre o sujeito posposto, constatamos que a inversão aparece em vários tipos de orações, assim como citamos os autores Berlink, Augusto e Scher (2004) que defendem as ocorrências de inversão como sendo comuns e que afirmam que ela ocorre com frequência.

Nos exemplos que selecionamos, a inversão está presente em cinco orações com verbos bivalentes, ou seja, que precisam de dois complementos, (19, 21, 22, 25 e 27). Encontramos também três casos de inversão nas orações com verbos monovalentes, isto é, que pede apenas um complemento (23, 24 e 26) e na oração com o verbo na forma imperativa encontramos um caso (21). Observamos também nessas sentenças analisadas que a inversão da ordem está presente principalmente nas orações com verbos transitivos indiretos.

Na sentença "... havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola..." é preciso ressaltar que há muitos casos de problemas na concordância verbal quando o sujeito está posposto, pois o verbo "haver" fica invariável, sendo assim, ele não concorda com o sujeito.

A análise revela que a língua portuguesa permite a inversão da ordem canônica em diversas construções verbais, com o objetivo de conferir ênfase a um determinado constituinte frasal. No exemplo 35, 'Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos', a posposição do sujeito ('as marcas de dois pregos') destaca a localização das marcas, contrapondo-a a outras possíveis localizações.

Considerações finais

A análise das ocorrências sintáticas no conto "O Gigante Egoísta", de Oscar Wilde, permitiu comparar as diferentes ordens dos constituintes sentenciais, revelando a predominância da ordem sujeito-verbo (SV) em relação à ordem verbo-sujeito (VS). Embora a inversão VS seja menos frequente no corpus analisado, sua ocorrência evidencia a flexibilidade sintática da língua

SILVA, E. I; SILVA, N. M

portuguesa, que transcende a mera estilística.

A investigação demonstrou que a inversão VS pode acarretar alterações semânticas, exigindo adaptações contextuais para preservar a clareza e a coerência da frase. No entanto, a análise também revelou que a inversão VS desempenha funções discursivas relevantes, como a topicalização e a ênfase, que influenciam a organização da informação e a construção do sentido.

A análise do conto de Oscar Wilde, evidenciou a relevância da inversão VS na criação de efeitos expressivos e na construção da narrativa. A inversão, nesse contexto, não se limita a uma mera variação sintática, mas configura um recurso estratégico que contribui para a construção do sentido e a expressividade do texto literário.

Por fim, este estudo destaca a importância de considerar tanto a perspectiva gramatical quanto a funcionalista na análise da ordem dos constituintes. A interação entre essas abordagens permite uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos fenômenos sintáticos, revelando a complexidade e a riqueza da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. nova fronteira edidtion, Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BERLINCK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. Sintaxe. In **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BERLINCK, R de A. **A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia**. Campinas, UNICAMP, 1988. Dissertação de mestrado.

BORBA, Francisco S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 13ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003, Francisco S. Teoria sintática. São Paulo, SP: Edusp. 1979.

BOTELHO, José Mario. **A Ordem dos Termos em Português e a Topicalização**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/47/03.pdf> acesso em: 13 ju. 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª edição. Lexikon: Rio de Janeiro, 2007.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Sintaxe para a Educação Básica: com sugestões didáticas, exercícios e**



SILVA, E. I; SILVA, N. M

respostas. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. v. 3000. 176p .

LIRA, Solange. 1982. **Nominal, pronominal and zero subjects in Brazilian Portuguese.** University of Pennsylvania Ph.D. dissertation.

MUSSALIM; Fernanda. BENTES; Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** 4° Ed. São Paulo: Cortes, 2004.

PERINI, M. A. .**Gramatica Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 1995. 380p .

SILVA, E. I; SILVA, N. M

PEZATTI, ErotildeGoreti. **Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado**. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3955/3630>. Acesso em: 13 jul. 2014.

WILD, Oscar. **O Gigante Egoísta**. Disponível em: <http://kavorka.wordpress.com/simao-o-cireneu-oscar-wilde/o-gigante-egoista/>. Acesso em: 27 mai. 2014.

ANEXO

O GIGANTE EGOISTA

Oscar Wilde

Todas as tardes, ao saírem do colégio, as crianças costumavam a ir brincar no jardim do Gigante. Era um jardim lindo e grande, com grama verde e suave. Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas, e havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola, e davam ricos frutos no outono. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar para ouvi-los.

- Como nos sentimos felizes aqui! - exclamavam elas.

Certo dia ele voltou. Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele. Depois de sete anos ele já havia dito tudo que tinha o que não tinha para dizer, já que sua conversa era limitada, e resolveu voltar para seu próprio castelo. Ao chegar, ele viu as crianças brincando no jardim.

- O que é que vocês estão fazendo aqui? - gritou ele com uma voz muito ríspida, e as crianças saíram correndo.

- O meu jardim é meu jardim - disse o Gigante. - Qualquer um pode compreender isso. Eu não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.

De modo que ele construiu um muro alto em torno do jardim e colocou um cartaz de aviso.

OS INVASORES SERÃO PROCESSADOS!



SILVA, E. I; SILVA, N. M

Ele era um Gigante muito egoísta.

As pobres crianças agora não tinham mais onde brincar. Elas tentaram brincar na estrada, mas a estrada era muito poeirenta e cheia de pedras duras, e eles não gostavam. Começaram a passear em torno do muro depois das aulas, conversando sobre o lindo jardim que ficava lá dentro. "Como éramos felizes lá!", diziam uma às outras.

Então chegou a Primavera, e por todo o país apareceram pequenas flores e pequenos pássaros. Só no jardim do Gigante Egoísta é que continuava a ser inverno. Os passarinhos não gostavam de cantar lá, porque não havia crianças, e as árvores se esqueceram de florescer.

Uma vez uma flor bonita chegou a brotar, mas ao ver o cartaz de aviso ficou com tanta pena das crianças que se enfiou de volta no chão e adormeceu. Os únicos que estavam contentes eram a Neve e o Gelo.

-A Primavera se esqueceu deste jardim - eles exclamaram -, de modo que podemos viver aqui o ano inteiro.

A neve cobriu toda a grama com seu manto branco, e o Gelo pintou todas as árvores de prata. Eles convidaram o Vento do Norte para se hospedar com eles, e ele veio. Todo enrolado em peles, rugia o dia inteiro pelo jardim, derrubando as chaminés com seu sopro.

- Este lugar é ótimo - disse ele. - Nós precisamos convidar o Granizo para vir fazer uma visita.

E o Granizo apareceu. Todos os dias, durante três horas, ele matracava no telhado do castelo até quebrar quase todas as telhas, e depois corria, dando voltas pelo jardim o mais depressa que podia. Sempre vestido de cinza, soprava gelo para todo lado.

- Não entendo porque as Primavera está demorando tanto a chegar! - disse o Gigante Egoísta, sentado junto à janela e olhando para seu jardim frio e branco. - Espero que o tempo mudelogo.

Mas a Primavera não apareceu, nem o Verão. O Outono trouxe frutos dourados para todos os jardins, mas nenhum para o do Gigante.

- Ele é muito egoísta - disse o Outono.

De modo que ali ficou sendo sempre inverno, e o Vento Norte e o Granizo, a Neve e o Gelo dançavam em meio às árvores. Certa manhã, o Gigante estava deitado, acordado, na cama, quando ouviu uma música linda Soava com tal doçura em seus ouvidos que ele até pensou que deviam ser os músicos do Rei que passavam. Na realidade era apenas um pequeno pintarroxo cantando do lado de fora de sua janela, mas já fazia tanto tempo que ele não ouvia um só passarinho em

SILVA, E. I; SILVA, N. M

seu jardim que aquela parecia ser a música mais bonita do mundo. E então o Granizo parou de dançar sobre a cabeça dele, e o Vento do Norte parou de rugir, e um perfume delicioso chegou até ele, através da janela aberta.

- Acho que finalmente a Primavera chegou - disse o Gigante. - E, pulando da cama, olhou para fora.

- O que ele viu?

A visão mais bonita que se possa imaginar. Por um buraco no muro as crianças haviam conseguido entrar, e estavam todas sentadas nos ramos das árvores. Em todas as árvores que ele conseguia ver havia uma criança. E as árvores estavam tão contentes de terem as crianças de volta que se cobriram de flores, balançando delicadamente os galhos, por cima da cabeça da meninada. Os passarinhos voavam de um lado para outro, chilreando de prazer, e as flores espiavam e riam. Era uma cena linda, e só em um canto é que continuava a ser inverno. Era o canto mais distante do jardim, e nele estava de pé um menininho. Ele era tão pequeno que não conseguia alcançar os ramos da árvore, e ficou andando em volta dela, chorando, muito sentido. A pobre árvore continuava coberta de neve e de gelo, e o Vento do Norte soprava e rugia acima dela.

- Sobe logo, menino! - dizia a Árvore, curvando os ramos o mais que podia. Mas o menino era pequeno demais.

E o coração do Gigante se derreteu quando ele olhou lá para fora.

- Como eu tenho sido egoísta! - disse ele. - Agora já sei porque a Primavera não aparecia por aqui. Eu vou colocar aquele menininho em cima daquela árvore, depois vou derrubar o muro, e meu jardim será um lugar onde as crianças poderão brincar para sempre e sempre.

Ele estava realmente arrependido do que tinha feito. E assim, desceu a escada, abriu a porta da frente com toda a delicadeza, e saiu para o jardim. Mas quando as crianças o viram ficaram tão assustadas que fugiram, e o inverno voltou ao jardim. Só o menininho pequeno é que não fugiu, porque seus olhos estavam marejados de lágrimas e não viu o Gigante chegar. E o Gigante aproximou-se de mansinho por trás dele, pegou delicadamente em sua mão e o colocou em cima da árvore. A árvore imediatamente floresceu, e os passarinhos vieram cantar nela; e o menininho esticou os braços, passou-os em torno do pescoço do Gigante e o beijou.

Quando viram eu o Gigante não era mais mau, as outras crianças voltaram correndo, e com elas veio a Primavera.



SILVA, E. I; SILVA, N. M

- Agora o jardim é de vocês, crianças - disse o Gigante. E pegando um imenso machado, derrubou o muro. Quando toda a gente começava a ir para o mercado, ao meio-dia, lá estava o Gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito que todos já haviam visto. Elas brincavam o dia inteiro, mas quando chegava a noite despediam-se do Gigante.

-Mas onde está seu companheirinho? - perguntou ele. - O menino que eu botei em cima da árvore.

O Gigante gostava dele mais do que de todos os outros, porque ele lhe havia dado um beijo.

- Nós não sabemos - responderam as crianças. - Ele foi embora. Vocês têm de dizer a ele para não deixar de vir aqui amanhã - disse o Gigante.

-Mas as crianças disseram que não sabiam onde ele morava, e que jamais o haviam visto antes. O Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, quando acabavam as aulas, as crianças iam brincar com o Gigante. Mas o menininho de quem o Gigante gostava nunca mais apareceu. O Gigante era muito bondoso com todas as crianças, mas sentia saudades de seu primeiro amiguinho, e muitas vezes falava nele.

- Como eu gostaria de vê-lo! - costumava dizer.

Os anos se passaram, e o Gigante ficou mais velho e fraco. Ele já não conseguia brincar direito, e então ficava sentado em uma poltrona enorme, olhando as crianças que brincavam e admirando seu jardim.

- Tenho tantas flores lindas - dizia ele -, mas as crianças são as flores mais bonitas de todas.

Certa manhã de inverno, ele olhou pela janela enquanto se vestia. Agora já não odiava o inverno, pois sabia que este era apenas a Primavera enquanto dormia, e que as flores estavam descansando.

De repente ele esfregou os olhos, espantado, e olhou, e olhou, e olhou. Era por certo uma visão maravilhosa. No cantinho mais distante do jardim havia uma árvore toda coberta de flores brancas. Seus ramos eram dourados, carregados de frutos de prata, e debaixo deles estavam o menininho que ela amava.

O Gigante correu pelas escadas, com a maior alegria, e saiu para o jardim. Cruzou depressa o gramado e chegou perto do menino. E quando chegou bem perto, seu rosto ficou rubro de raiva, e ele disse:

- Quem ousou te ferir?



SILVA, E. I; SILVA, N. M

Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos, como m haviam marcas de dois pregos em seus pezinhos.

- Quem ousou te ferir? - gritou o Gigante. - Dize-me, para que eu possa tomar de minha grande espada para matá-lo.

- Não - respondeu o menino -, pois essas são as feridas do Amor.
Quem és? - perguntou o Gigante, e quando o temor apossou-se dele, ajoelhou-se diante da criança.

A criança sorriu para o Gigante e lhe disse:

-Você me deixou, certa vez, brincar em seu jardim, e hoje você irá comigo par ao meu jardim que é o Paraíso.

Naquela tarde, quando as crianças chegaram correndo, encontraram o Gigante morto, deitado debaixo da árvore, todo coberto por flores brancas.

Como citar este artigo (ABNT)

SILVA, E. I; SILVA, N. M. A ordem dos constituintes no português brasileiro contemporâneo: uma abordagem formalista e funcionalista. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 12, n. 1, p. XXX-XXX, 2025. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

SILVA, E. I; SILVA, N. M. (2025) a ordem dos constituintes no português brasileiro contemporâneo: uma abordagem formalista e funcionalista. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.